

GUIA PARA O DESENVOLVIMENTO



DE UMA AVALIAÇÃO DE RISCO E MEDIDAS DE SEGURANÇA

O Guia para o desenvolvimento de uma análise de risco e medidas de segurança foi produzido durante os anos de 2021 e 2022 pela equipe do **Projeto Amazônia Segura**, da **Escola de Ativismo**.

ESCOLA DE ATIVISMO

Rua Desembargador Eliseu Guilherme, 292, 9º Andar.
CEP 04004-030
São Paulo - SP

eativismo.org
contato@eativismo.org

Copyright © Escola de Ativismo

A reprodução parcial sem fins lucrativos deste guia, para uso pessoal ou coletivo, em qualquer meio, está autorizada, desde que citada a fonte. Se for necessária a reprodução na íntegra, solicita-se entrar em contato com a organização.



SUMÁRIO

Para começar **4**

A

Etapas para análise de risco e construção
de uma estratégia de proteção **6**

B

Preenchimento da matriz
de análise de risco **20**

C

Algumas definições **34**

Para terminar **39**

Referências **40**



PARA COMEÇAR

ESTE GUIA...

... está sendo enviado para sua organização junto com uma planilha que chamamos de “Matriz de Análise de Risco”. O *Guia* explica como vocês devem preencher a matriz, que tem como objetivo estruturar informações fundamentais para o estudo, a avaliação e o desenvolvimento de ações no campo da segurança integral.

Criamos um processo chamado “Diagnóstico de Segurança e Proteção Integral”. Ele ajudará vocês a continuar construindo camadas de proteção e segurança, para que a organização tenha cada vez mais mobilidade e resiliência frente aos desafios.

Para dar suporte a esse processo, na seção “Referências” do *Guia*, apresentamos uma seleção de manuais de segurança integral produzidos por diversas organizações.

O GUIA ESTÁ DIVIDIDO EM TRÊS SEÇÕES

A

Etapas para a construção de uma estratégia de proteção, dando ênfase à análise de risco.

B

Orientações para o preenchimento da Matriz.

C

Quadro com definições de termos comuns no campo da proteção e segurança que podem ser úteis para facilitar o processo.

O Diagnóstico de Segurança e Proteção realizado em parceria com a Escola de Ativismo oferece diversos elementos para as etapas (1) de análise de contexto e (2) de avaliação de risco, assim como recomendações que podem ser utilizadas na etapa (3), que diz respeito às medidas que devem ser adotadas para aumentar a proteção. As etapas (4), de Sistematização e Implementação das Medidas de Segurança e (5), de Revisão da Análise e Atualização da Estratégia de Proteção, são igualmente importantes para uma estratégia de proteção eficaz.

É IMPORTANTE LEMBRAR

Os riscos a que um indivíduo ou uma organização estão expostos pela natureza da sua atuação podem se estender a outras pessoas e instituições que fazem parte de sua vida em diferentes esferas (profissional, pessoal, familiar etc.). Por isso as medidas de segurança devem ser implementadas individual e coletivamente pelas pessoas e suas organizações. Quanto mais de nós adotarmos as medidas de segurança, mais alto será nosso grau de proteção, também do grupo e de parceiros.





A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

Ter uma estratégia de proteção é importante para atuar de maneira mais segura em um cenário de violações. Ainda que o risco não deixe de existir, medidas de segurança podem reduzir a exposição a ele. A seguir, apresentamos alguns passos que podem ser utilizados para iniciar uma análise de risco e a criação de uma estratégia de proteção.

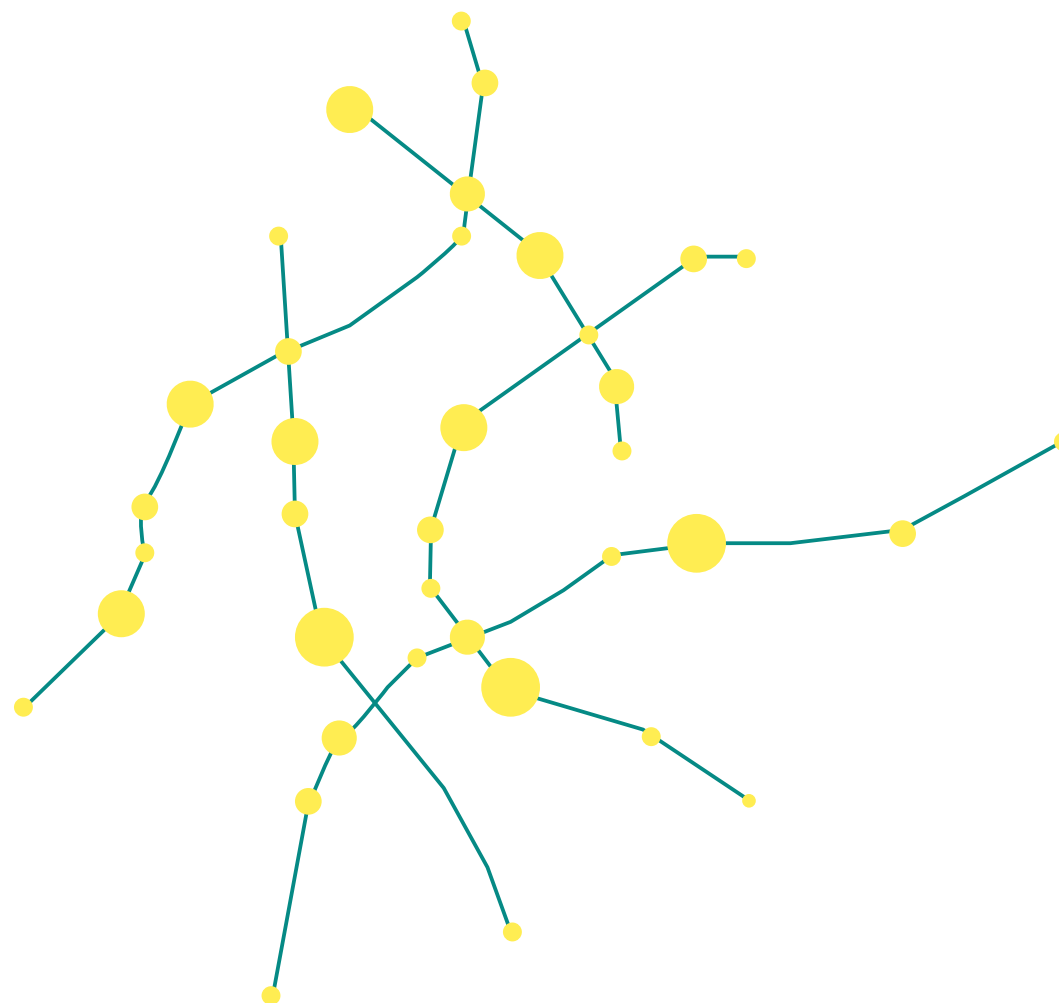
Sugerimos que a análise seja coletiva, que o máximo de pessoas da organização participe a seu modo, a partir de sua visão e atuação. Quanto mais participativo e inclusivo for o processo, mais engajamento a equipe terá no momento de implementar as medidas.

A organização poderá conduzir o processo em etapas, escolher temas ou setores prioritários, a depender do tempo e da necessidade.

A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

1 ANÁLISE DE CONTEXTO

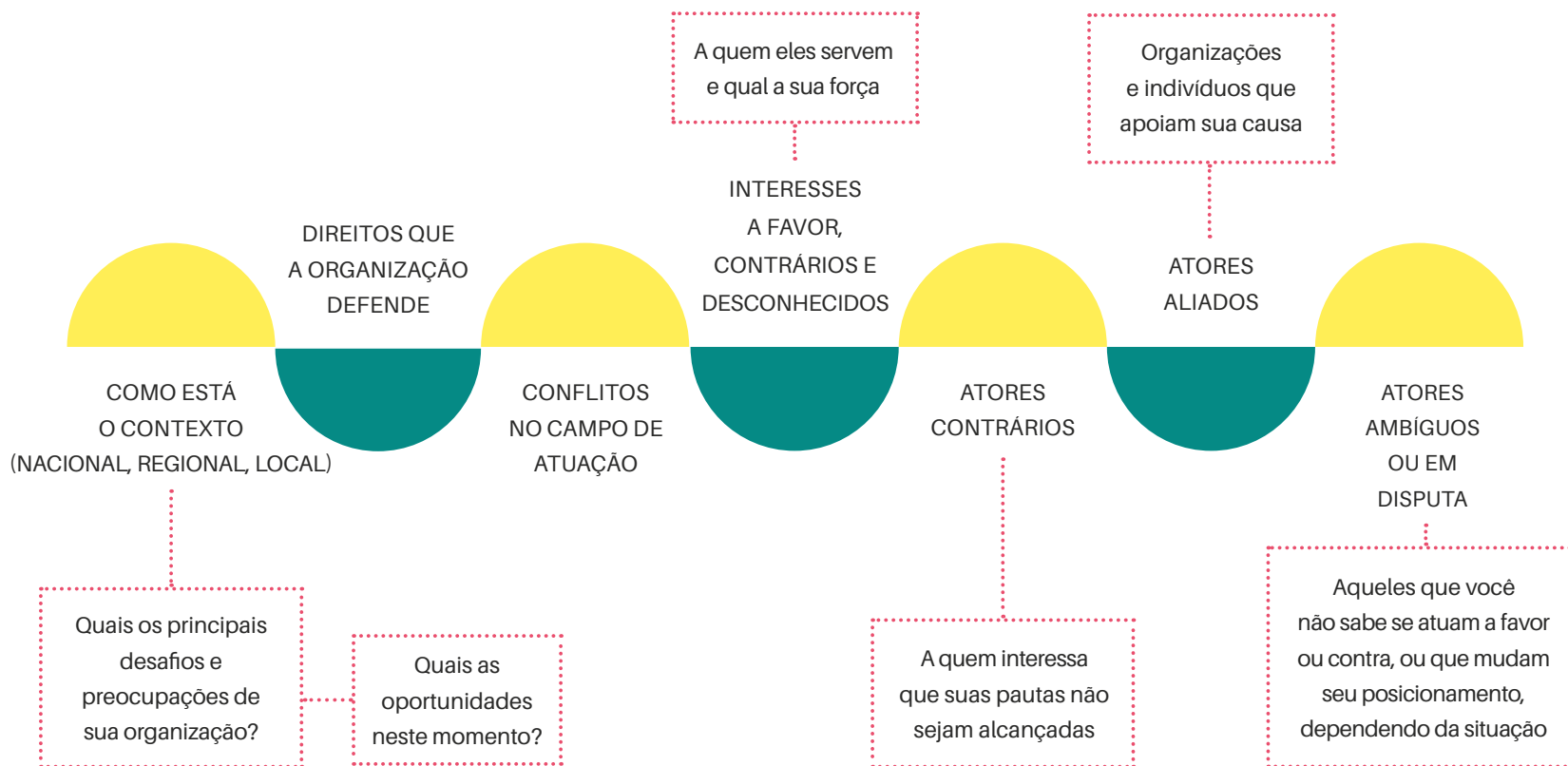
Os riscos aos quais estamos expostos estão relacionados com o contexto em que estamos inseridos. Fazem parte do contexto o cenário político, econômico e social, bem como os atores e os interesses em torno da organização em determinado momento. O contexto é dinâmico, muda constantemente, fazendo variar também os riscos. Logo, a estratégia de proteção deve ser atualizada constantemente para que possamos responder adequadamente aos riscos.



A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

1 ANÁLISE DE CONTEXTO

Ao fazer a análise de contexto, considerem:

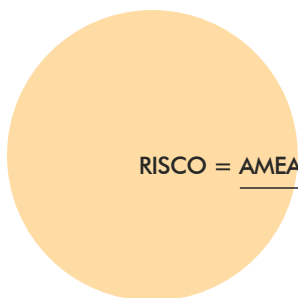


A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

2 IDENTIFICAÇÃO DAS AMEAÇAS, CAPACIDADES, VULNERABILIDADES E DEFINIÇÃO DE GRAU DE RISCO

Nesta etapa, devem ser identificadas as características da organização frente a possíveis ameaças dentro do contexto analisado. A análise de risco é uma avaliação que deve levar em conta uma série de fatores, como a natureza da ameaça,

a probabilidade de ela se concretizar, o impacto que ela pode causar, as condições que tornam a organização vulnerável a ela, assim como os recursos da organização para lidar com ela. O risco pode ser representado assim:



$$\text{RISCO} = \frac{\text{AMEAÇAS} \times \text{VULNERABILIDADES} \times \text{IMPACTOS} \times \text{PROBABILIDADE}}{\text{RECURSOS}}$$

Para uma representação mais intuitiva do cálculo do risco que pode ser usada em formações, recomendamos a leitura do método desenvolvido por Lina Selano, apresentado no Anexo 3 (páginas 70 e 71) do *Manual de segurança: medidas práticas para defensores de direitos humanos em risco* (Front Line Defenders, 2011). Ver referências.

A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

2 IDENTIFICAÇÃO DAS AMEAÇAS, CAPACIDADES, VULNERABILIDADES E DEFINIÇÃO DE GRAU DE RISCO

Muitas das avaliações que compõem esse processo são subjetivas, pois partem de estudos de contexto e de uma variedade de fontes de informação. Essa subjetividade abre espaço para uma gama de interpretações alternativas, mas isso não deve ser tomado como ausência de rigor. Pelo contrário. A subjetividade coloca o sujeito no centro do processo de construção de um conhecimento que diz respeito a si próprio, reforçando sua importância. Por isso, o aspecto coletivo também é central, no sentido de dar maior consistência para as estimativas que compõem essa análise, uma vez que agrega diferentes percepções, experiências e pontos de vista.

Nesta etapa, sugerimos reservar um tempo de qualidade para a escuta da equipe. Muitas vezes o trabalho corrido do dia a dia torna difícil encontrar tempo para partilhar as situações de risco que vivenciamos. Porém, se não visualizarmos e analisarmos tais situações, passaremos a naturalizá-las, comprometendo consideravelmente as chances de construir análises de risco qualificadas.



A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

2 IDENTIFICAÇÃO DAS AMEAÇAS, POTENCIALIDADES, VULNERABILIDADES E DEFINIÇÃO DE GRAU DE RISCO

Ao fazer a avaliação de risco, considerem:

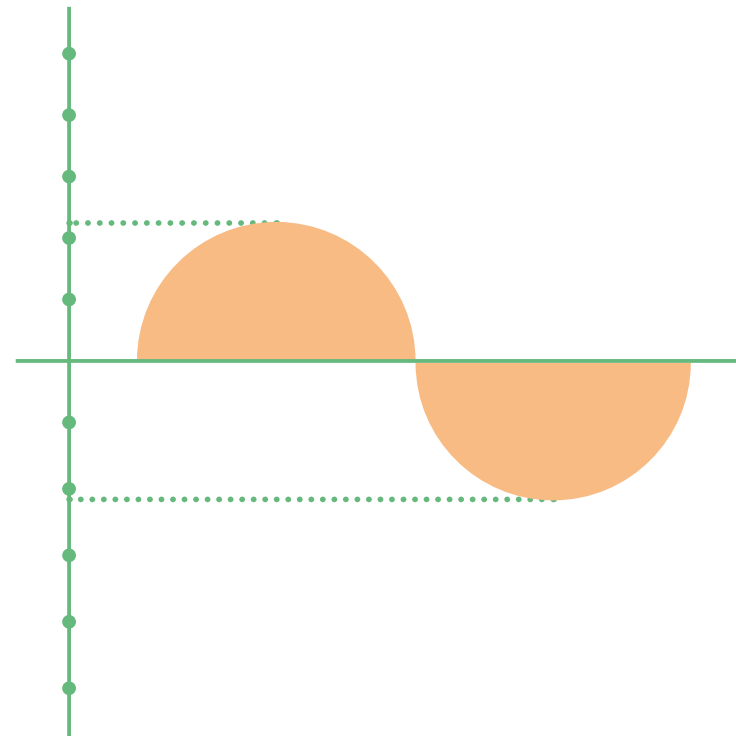


A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

2 IDENTIFICAÇÃO DAS AMEAÇAS, POTENCIALIDADES, VULNERABILIDADES E DEFINIÇÃO DE GRAU DE RISCO

Após analisar esses aspectos, a organização terá uma percepção do seu grau de exposição, de suas vulnerabilidades e capacidades para lidar com as ameaças. Esse panorama indicará as medidas que precisarão ser desenvolvidas para fortalecer a segurança.

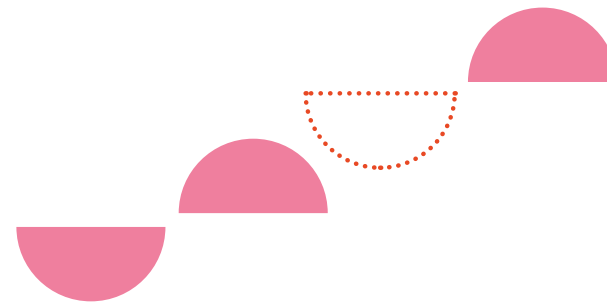
Definidos os graus de risco, o coletivo deverá priorizar o tratamento e desenvolvimento de medidas para as ameaças de maior risco correspondente.



A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

3 DEFINIÇÃO DE MEDIDAS DE SEGURANÇA

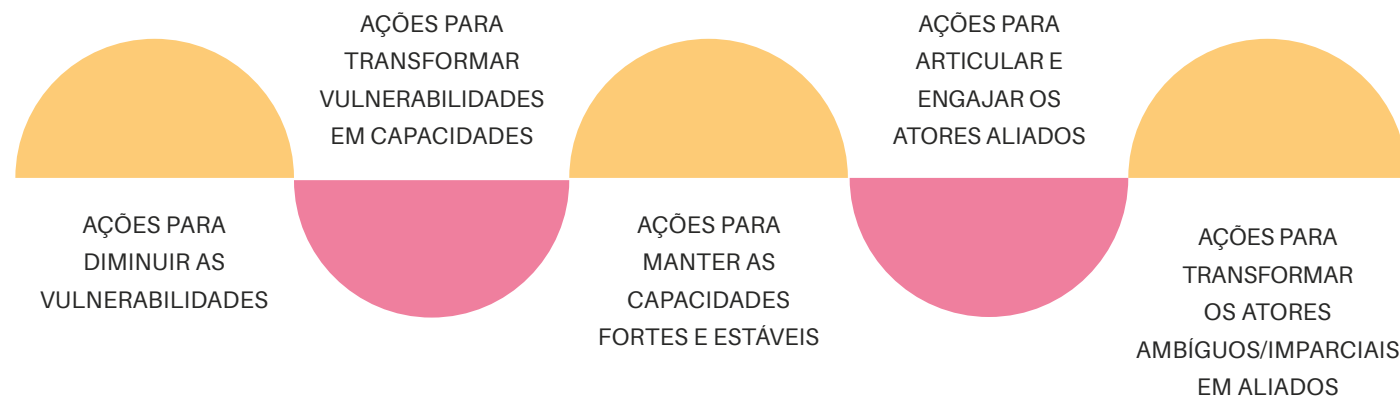
Nesta etapa, é importante identificar o que a organização já pode realizar a partir de seu próprio repertório e conhecimento, bem como aquilo que precisa ainda desenvolver ou construir. A matriz de análise de risco ajudará a sistematizar essas medidas, identificando ações preventivas e reparativas para cada possível ameaça. Vocês poderão se deparar com necessidades formativas, de aquisição de equipamentos, estudos etc. Por isso, neste momento, é necessário priorizar, considerando o tempo que cada medida poderá levar.



A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

3 DEFINIÇÃO DE MEDIDAS DE SEGURANÇA

Ao desenvolver as medidas de segurança, é necessário buscar modos de fortalecer a estratégia de proteção diante de cada ameaça. Tendo isso em vista, considerem:



A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

4 SISTEMATIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DAS MEDIDAS DE SEGURANÇA

Com a Matriz de Risco preenchida, vocês terão um mapa com as principais ameaças que podem ocorrer no seu contexto de atuação e as medidas que devem tomar para se precaver delas, além de ações para lidar com os impactos, caso elas se concretizem. Para que cada uma das medidas seja implementada, é preciso planejamento e definição de responsáveis.

Sugerimos, nesta etapa, agrupar as medidas de acordo com a dimensão da proteção em que ela incide - física, psicossocial, digital, jurídica, patrimonial, institucional, de reputação e imagem etc. Se possível, registrem essas medidas em documentos específicos, com mais detalhes. No *Guia de proteção para defensores e defensoras*

de direitos humanos, da Justiça Global, são sugeridas três dimensões para pensar medidas de proteção: a proteção física, o cuidado e autocuidado e a comunicação segura. A organização poderá inserir outros campos de acordo com a sua necessidade ou prioridade.

O registro em documentos é importante para ajudar a recordar as medidas de proteção, dar mais detalhes, sistematizar um passo a passo do que deverá ser feito, além de orientar novos integrantes sobre os procedimentos. O formato desses registros vai depender da necessidade e do tamanho da organização (política, protocolo, acordo, manual, orientação etc).

A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

4 SISTEMATIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DAS MEDIDAS DE SEGURANÇA

Alguns exemplos para a sistematização são:

- 1 Protocolo de segurança da informação e de cuidados digitais
- 2 Acordo coletivo de viagens de campo
- 3 Política de segurança de rede
- 4 Protocolos de cuidados na gestão
- 5 Manual de boas práticas digitais

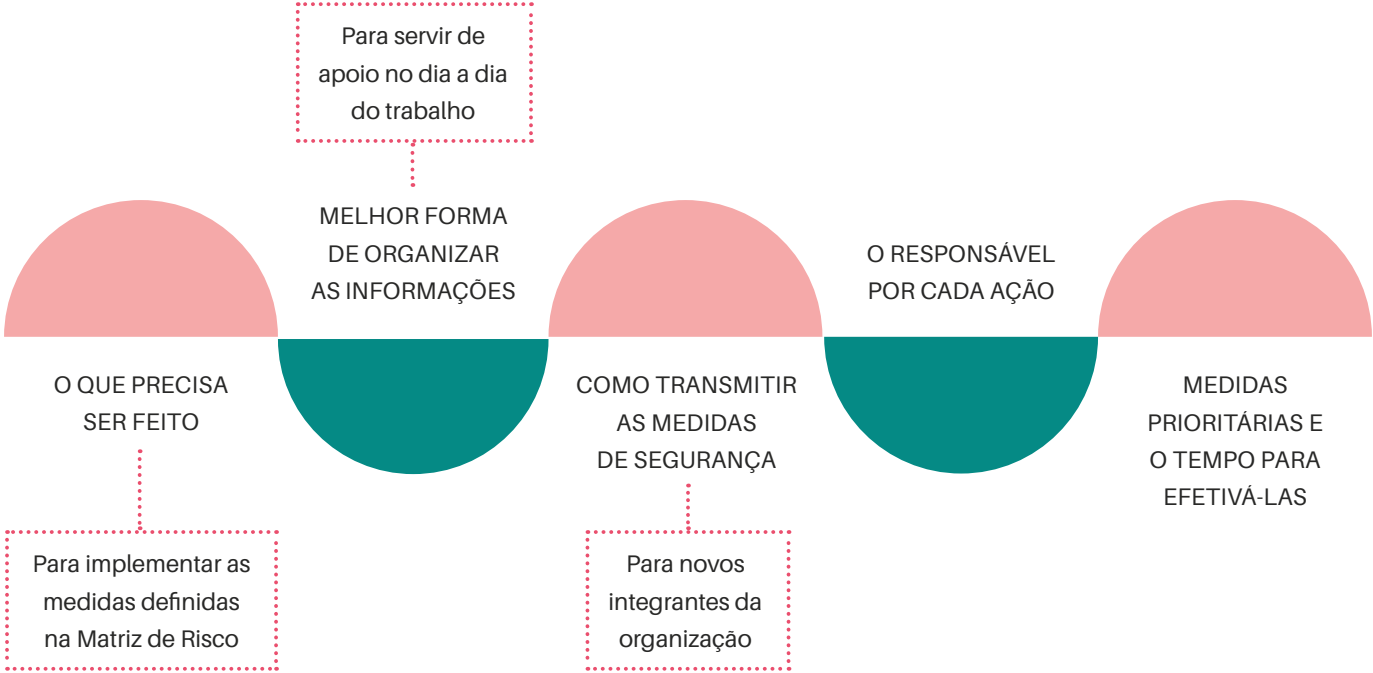
Esses documentos devem ser armazenados em local seguro para que só as pessoas da organização tenham acesso.

Para que a estratégia de proteção seja eficaz, é fundamental que todas as pessoas se comprometam com a adoção das medidas definidas. Processos participativos facilitam a compreensão da importância da estratégia e estimulam as pessoas a pensarem conjuntamente as mudanças que devem ser implementadas para atuar de forma mais segura em um contexto específico.

A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

4 SISTEMATIZAÇÃO E IMPLEMENTAÇÃO DAS MEDIDAS DE SEGURANÇA

Nesta etapa, definir:



A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

5 REVISÃO DA ANÁLISE E ATUALIZAÇÃO DA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

A estratégia de proteção e os documentos que a compõem são desenvolvidos a partir de um contexto específico. Por isso, é preciso que eles sejam revisados periodicamente, visto que o contexto, os atores, as forças e as ferramentas de proteção estão em constante mudança. Defina uma periodicidade para realizar a atualização da estratégia e repita os passos até aqui. É importante que novos membros da equipe conheçam estes procedimentos e acordos e assumam compromisso com a efetivação dos mesmos.

D	S	T	Q	Q	S	S
D	1	2	3	4	5	6
7	8	9	10	11	12	13
14	15	16	17	18	19	20
21	22	23	24	25	26	27
28	29	30	31	1	2	3
4	6	6	7	8	9	10

A ETAPAS PARA A ANÁLISE DE RISCO E CONSTRUÇÃO DE UMA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

5 REVISÃO DA ANÁLISE E ATUALIZAÇÃO DA ESTRATÉGIA DE PROTEÇÃO

Nesta etapa, considerem:

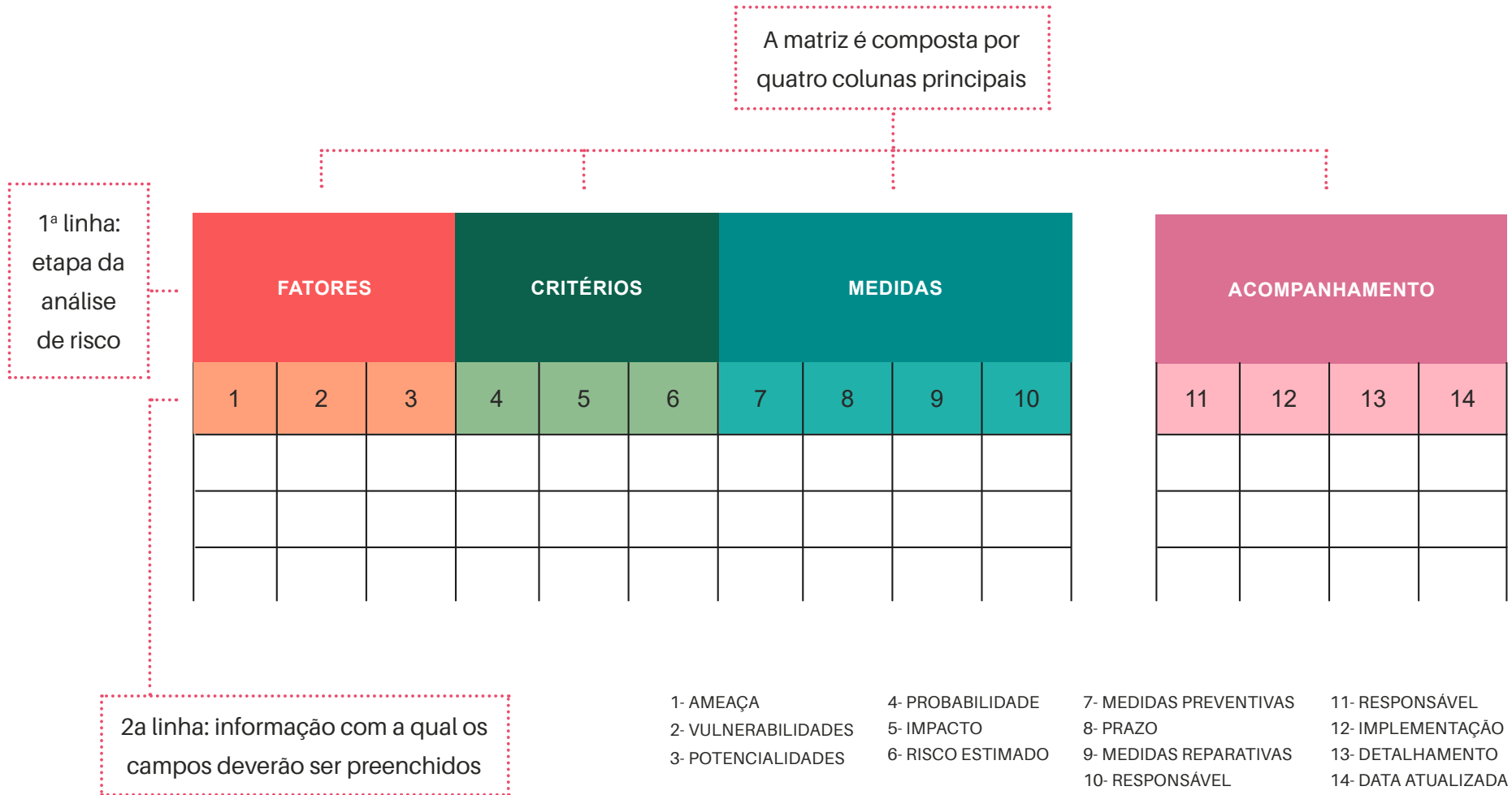




B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

A Matriz de Análise de Risco foi elaborada pela Escola de Ativismo com o objetivo de promover, nas organizações apoiadas, o desenvolvimento e a utilização de práticas de promoção da segurança. Ela compõe um conjunto de instrumentos que devem fazer parte da estratégia de proteção da organização (como acordos, protocolos, planos e/ou políticas). A Matriz auxilia na organização e visualização das informações, uma vez que as potencialidades e vulnerabilidades são identificadas e relacionadas a cada ameaça existente no seu contexto de atuação. Com isso, medidas podem ser desenvolvidas para elevar o grau de proteção e diminuir a probabilidade de as ameaças se concretizarem. Ela também oferece um espaço para que sejam estabelecidos mecanismos para lidar com os danos, caso a ameaça se concretize. Apresentamos a seguir uma visão geral da Matriz e um guia passo a passo, no qual destacamos a função de cada campo a ser preenchido na matriz.

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO



B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

CABEÇALHO

Antes das colunas, no canto superior esquerdo do documento, há um cabeçalho. Como a análise de risco tem um aspecto conjuntural e periódico, o preenchimento desses campos é importante para registrar as datas de realização e previsão de revisão, bem como para indicar quem foi responsável pela condução do processo de análise de risco relativo à organização naquele momento específico.

2	MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO	
3		
4		
5		
6	Nome da organização	
7	Data de preenchimento	
8	Data de revisão	
9	Responsável pela condução da análise	
10		
11	FATORES	
12	Ameaça	Vulnerabilidades
13	Monitoramento ou vigilância – Ser monitorada ou vigiada por algum órgão do Estado ou por agência privada (empresa, adversários etc)	Não sei direito como operar aplicativos de segurança; meu antivírus está sem funcionar; meu computador é usado também pelo Chiquinho; senha do wifi ainda é 123456
14		
16		
	EXEMPLO	Matriz de Risco
	Critérios	+

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

ABAS DO DOCUMENTO: EXEMPLO

A primeira aba apresenta exemplos que ilustram como cada campo poderia ser preenchido. O preenchimento da Matriz de Risco, no entanto, deve levar em conta o contexto de atuação da organização e suas especificidades, pois cada estratégia de proteção é única e deve estar adaptada às circunstâncias de quem a desenvolveu.

The image shows a document interface with a vertical sidebar on the left containing page numbers 2 through 14. The main content area is titled "MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO" in red. It contains a form with four rows for organization details:

Nome da organização	
Data de preenchimento	
Data de revisão	
Responsável pela condução da análise	

Below the form is a risk matrix with a red header "FATORES". The matrix has two columns: "Ameaça" and "Vulnerabilidades".

FATORES	
Ameaça	Vulnerabilidades
Monitoramento ou vigilância – Ser monitorada ou vigiada por algum órgão do Estado ou por agência privada (empresa, adversários etc)	Não sei direito como operar aplicativos de segurança; meu antivírus está sem funcionar; meu computador é usado também pelo Chiquinho; senha do wifi ainda é 123456

At the bottom, there is a navigation bar with tabs: "EXEMPLO" (highlighted in green), "Matriz de Risco", "Critérios", and a plus sign icon (+). A red dotted circle highlights the "EXEMPLO" tab.

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

ABAS DO DOCUMENTO: MATRIZ DE RISCO

Nesta aba, estão as colunas em branco. É aqui que você vai incluir as informações para construir sua Matriz de Risco.

2	MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO	
3		
4		
5	Nome da organização	
6	Data de preenchimento	
7	Data de revisão	
8	Responsável pela condução da análise	
9		
10		
11		
12	FATORES	
13	Ameaça	Vulnerabilidades
14		
	EXEMPLO	Matriz de Risco
		Critérios
		+

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

ABAS DO DOCUMENTO: CRITÉRIOS

Nesta aba estão os parâmetros de classificação que serão usados na na definição da probabilidade, do impacto e do risco estimado para determinada ameaça.

1			IMPACTO		
2			Muito baixo	Baixo	Médio
3					
4	Probabilidade	Muito baixo	Muito baixo	Muito baixo	Baixo
5		Baixo	Muito baixo	Baixo	Baixo
6		Médio	Baixo	Baixo	Médio
7		Alto	Médio	Médio	Alto
8		Muito alto	Médio	Médio	Alto
9					
10		MBMB	1	MB - Muito baixo	MB - Muito
11		MBBA	1	MB - Muito baixo	BA - Baixo
12		BAMB	1	MB - Muito baixo	ME - Médio
13		MBME	2	BA - Baixo	AL - Alto
15		BABA	2	BA - Baixo	MA - Muito
16		BAME	2	BA - Baixo	
17		MEBA	2	BA - Baixo	
18		MBAL	3	ME - Médio	
19		MBMA	3	ME - Médio	
20		BAAL	3	ME - Médio	
21		BAMA	3	ME - Médio	
22		MEME	3	ME - Médio	
23		ALMB	3	ME - Médio	
			Matriz de Risco	Críticos	+

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

FATORES

1 Ameaça

Geralmente ameaças vêm de opositores que têm interesse em que a organização não cumpra suas atividades. Para uma análise que possibilite ao coletivo pensar em fatores que vão indicar o grau de risco, é importante que se acumule o máximo de informações sobre o fato que gera o conhecimento da ameaça, os atores por trás dela, seus objetivos, locais, modos de atuação e possíveis padrões. Tendo isso em mente, é preciso descrever possibilidades (ou cenários) de ameaças o mais detalhadamente possível. Partindo do princípio da precaução, registraremos neste campo mesmo as ameaças indiretas e os incidentes de segurança (ver definição na seção C), de modo a acumular a maior quantidade de informação sobre eventos que podem representar risco para a organização.

Este e os demais exemplos que ilustram o *Guia* foram retirados da aba "exemplo" da Matriz de Risco.

FATORES		
Ameaça	Vulnerabilidades	Potencialidades (recursos existentes)
Monitoramento ou vigilância por parte de algum órgão do Estado ou por agência privada (empresa, adversários etc)		

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

FATORES

2 Vulnerabilidades

As vulnerabilidades aqui listadas devem ser pensadas como pontos fracos da organização em relação à ameaça em análise. O coletivo deve pensar quais são as fragilidades que opositores podem usar para atingir a organização.

3 Potencialidades (recursos existentes)

As potencialidades aqui listadas devem ser pensadas como pontos fortes da organização, que podem ser usados para diminuir a possibilidade de que as ameaças se concretizem. As potencialidades também são recursos que podem ser acessados para cessar ou diminuir o impacto causado por um dano feito à organização e/ou seus profissionais.

FATORES		
Ameaça	Vulnerabilidades	Potencialidades (recursos existentes)
	<ul style="list-style-type: none"> - Meu computador é compartilhado - O antivírus não está funcionando 	Facilidade e disponibilidade para implementar novas medidas

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

CRITÉRIOS

4 Probabilidade

Avaliação subjetiva que deve levar em conta uma análise do contexto no qual se insere a organização. O histórico em relação a outros casos semelhantes pode ser um bom indicador para a avaliação da probabilidade de que uma ameaça se concretize. Para a classificação da probabilidade, observar a aba “critérios”.

5 Impacto

Avaliação subjetiva que deve levar em conta o quanto a concretização de um potencial dano pode interferir nas atividades da organização e/ou na vida dos profissionais. Para a classificação do impacto, observar a aba “critérios”

CRITÉRIOS		
Probabilidade	Impacto	Risco estimado
ME - Médio	AL - Alto	

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

CRITÉRIOS

6 Risco estimado

O risco representa a relação entre os diferentes fatores analisados anteriormente na tabela (ameaça, vulnerabilidades e potencialidades), pesados em relação a estimativas da probabilidade de concretização da ameaça e do impacto que causará na organização caso aconteça. Sendo assim, estimar o risco permite a priorização na hora de criar e implementar medidas que possam proteger a organização e seus trabalhadores. Para a classificação do risco, observar a aba "critérios"

CRITÉRIOS		
Probabilidade	Impacto	Risco estimado
		<i>AL - Alto</i>

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

MEDIDAS

7 Medidas Preventivas

(para redução da probabilidade)

Este campo se destina a listar as medidas a serem tomadas para evitar que a ameaça se concretize. Deve ser pensado tendo em vista a utilização das potencialidades, de modo a suprir as vulnerabilidades verificadas.

8 Prazo

Classificar em curto, médio ou longo prazo o tempo em que as medidas listadas devem ter sua implementação efetivada. Para uma estimativa de prazo, considerar o grau atribuído ao risco correspondente.

MEDIDAS			
Medidas preventivas	Prazo	Medidas reparativas (para redução do impacto)	Responsável
- Comprar computadores institucionais - Atualizar antivírus	Curto prazo		

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

MEDIDAS

9 Medidas Reparativas (para redução do impacto)

Este campo se destina a listar medidas para diminuir o impacto causado por um dano que já ocorreu à organização ou a trabalhadoras e trabalhadores da organização. São medidas que buscam solucionar o problema ocorrido e evitar que ele se repita. Na análise de riscos, podemos também antecipar medidas reparativas a serem tomadas na eventual ocorrência de algum dano. Não estipularemos prazo nesse caso, pois são medidas de implementação imediata.

10 Responsável pela implementação

Para que as medidas listadas sejam efetivamente implementadas, devem ser indicadas uma ou mais pessoas responsáveis por sua implementação, monitoramento e avaliação.

MEDIDAS			
Medidas preventivas	Prazo	Medidas reparativas (para redução do impacto)	Responsável
		<ul style="list-style-type: none"> - Avisar imediatamente técnico responsável pela T.I. e pessoas responsáveis pela organização - Se houver chance de ataques a contas de banco, contatar imediatamente o gerente da instituição financeira 	Pessoa X

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

ACOMPANHAMENTO

11 Responsável pelo acompanhamento

Pessoa responsável por fazer o acompanhamento dos processos de análise, implementação e revisão como um todo. Recomenda-se que esse processo ocorra a cada trimestre e que a revisão da avaliação de riscos aconteça semestral ou anualmente, devendo esses prazos ser adaptados conforme avaliação coletiva do grupo.

ACOMPANHAMENTO			
Responsável	Implementação (S/N/Parcial)	Detalhamento	Data atualizada
Pessoa Y			

B PREENCHIMENTO DA MATRIZ DE ANÁLISE DE RISCO

ACOMPANHAMENTO

12 Implementação

Indicar se as medidas correspondentes foram ou não implementadas, ou se foram implementadas parcialmente.

13 Detalhamento

Neste campo devem ser relatadas as dificuldades e/ou os resultados positivos obtidos com a implementação das medidas.

14 Data atualizada

Registrar aqui as datas em que foram feitas as avaliações de acompanhamento.

ACOMPANHAMENTO			
Responsável	Implementação (S/N/Parcial)	Detalhamento	Data atualizada
	Sim	O Protocolo de Segurança digital foi finalizado no período acordado	Preencher com a data da atualização do acompanhamento em relação às medidas tomadas



C ALGUMAS DEFINIÇÕES

C ALGUMAS DEFINIÇÕES

AMEAÇA

Acontecimento, ato, declaração, suspeita ou sugestão da possibilidade de infração de dano, destruição, punição ou ferimento a uma ou mais pessoas, a sistema(s), processo(s) ou organização(ões), podendo ter diferentes origens, sejam elas naturais, humanas ou tecnológicas. O conceito de ameaça extrapola a ideia de ameaça física, digital ou patrimonial. Consideramos ameaças também as formas de violência estrutural, difíceis de perceber, o assédio, a difamação, a criminalização

e a intimidação. Processos como instabilidade financeira, exigência de alta carga de trabalho por superiores, estresse, perseguição em mídias sociais e experiências traumáticas também são compreendidos como ameaças. Ou seja, classificamos como “ameaça” qualquer ação que cause algum nível de impacto sobre o bem-estar da pessoa e/ou de entes próximos, afetando seu espaço físico, territorial e/ou digital, suas atividades, processos, sua mente e saúde.



INCIDENTE DE SEGURANÇA

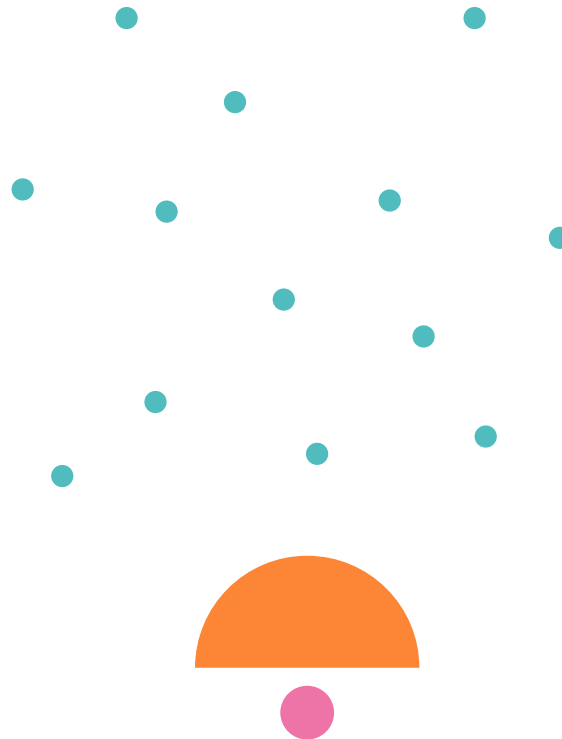
São acontecimentos que geram insegurança, mas que não apresentam elementos suficientes para configurar ameaça. Por exemplo: um carro suspeito que estaciona diversas vezes na frente da casa; o furto de um caderno ou HD com informações sensíveis etc. Esses incidentes devem ser registrados para que possam ser analisados periodicamente e subsidiar a avaliação de risco e o desenvolvimento das medidas de proteção.

C ALGUMAS DEFINIÇÕES

PROTEÇÃO

Na língua portuguesa podem ser encontradas as definições “Ato de proteger alguém ou algo de um perigo, de um mal” ou “Cuidado ou assistência especial dispensados a alguém”.¹ O termo pode ser usado em conjunto e até confundido com segurança ou ser específico para ações e medidas que visam proteger uma pessoa, uma comunidade e seus bens materiais e/ou territoriais. Neste caso, o termo “segurança” costuma se referir a ações cotidianas que possam causar algum risco de dano ou ferimento à pessoa, como, por exemplo, medidas de segurança contra ataque de animais peçonhentos em atividades na floresta.

¹ Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2012).



RECURSO

“Qualquer fato/fator que possa aumentar o nível de segurança”.² Pode ser material, financeiro, relacional, social, informacional, emocional ou simplesmente o nosso tempo.

² Manual de Segurança e Medidas Práticas para DDH (Front Line Defenders, 2011, p. 10). Link de acesso nas referências.

C ALGUMAS DEFINIÇÕES

RISCO

Temos algumas definições possíveis, como: “Possibilidade de perigo, fato que ameaça as pessoas ou o meio ambiente”. “É a possibilidade de que um determinado evento ou incidente resulte em danos”.³ O risco depende de fatores internos como as vulnerabilidades, fatores externos como o contexto político e socioeconômico ou ainda dos interesses de diversos atores. Como esse contexto é dinâmico, o risco também é. Também depende dos recursos disponíveis e capacidades da pessoa ou grupo ameaçado. As decisões sobre o risco que cada pessoa aceita correr são individuais, mesmo em uma organização.

³Michaelis - Dicionário Brasileiro da Língua Portuguesa (2012).



“Em situações de alto risco e impacto, é importante aumentarmos o diálogo tanto em reuniões quanto em espaços informais sobre o bem-estar atual, sobre estresse e como também elevar a receptividade geral para conversar sobre segurança num ambiente acolhedor”.⁴

⁴ Manual de Segurança Holística (Tactical Technology, 2016, p. 66). Link de acesso nas referências deste documento.

C ALGUMAS DEFINIÇÕES

SEGURANÇA INTEGRAL

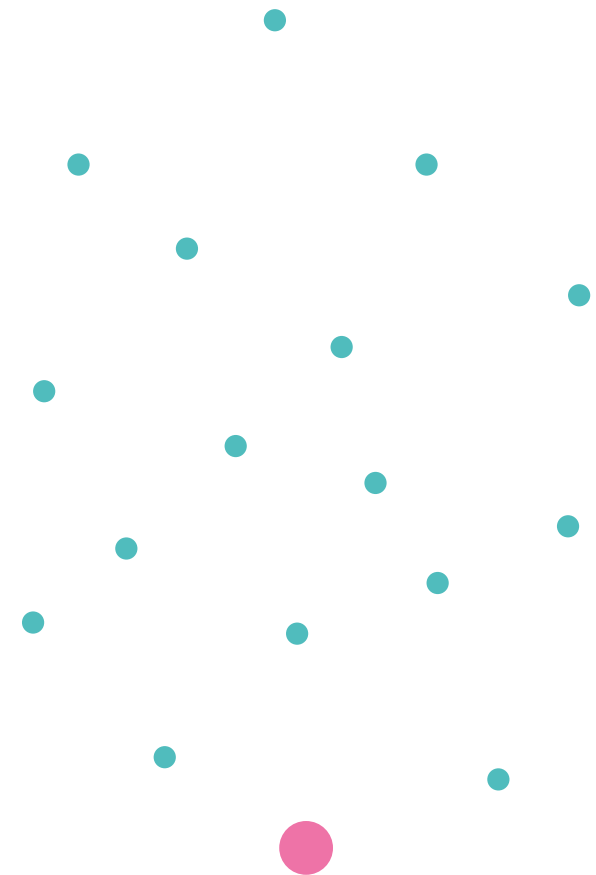
Capacidade de se sentir seguro física e emocionalmente enquanto trabalha ou pratica sua militância/ativismo. É composta por aspectos de segurança física, patrimonial, informacional (inclui digital), institucional (inclui aspectos jurídicos e de gestão) e psicossocial. Todos esses aspectos precisam ser considerados para manter ou aumentar o nível de segurança da pessoa, grupo ou organização. Sua compreensão demanda análises, planejamentos e visão sistêmica para que a segurança seja efetiva e permanente. Também conhecida pelo termo “segurança holística”.



VULNERABILIDADE

“Qualquer fator que aumente a probabilidade de que um dano se concretize ou resulte em um dano maior”.⁵ Ela existe independentemente de ameaças. Mas para uma análise de risco, por exemplo, a vulnerabilidade deve ser sempre considerada a partir das ameaças. Ou seja, frente a uma ameaça, podemos ter uma ou mais vulnerabilidades. Quando conseguimos identificar as ameaças, é possível trabalhar para eliminar ou reduzir as vulnerabilidades existentes.

⁵ Manual de Segurança e Medidas Práticas para DDH (Front Line Defenders, 2011, p. 10). Link de acesso nas referências.





PARA TERMINAR

ENFATIZAMOS...

... que a implementação de medidas de proteção requer mudanças de hábitos. É preciso compromisso das pessoas e da organização para se criar caminhos rumo à consolidação de uma cultura de segurança. O processo de desenvolvimento de uma cultura organizacional para segurança deve tomar o tempo que seja avaliado como necessário para cada passo, evitando que se torne um momento pontual. Para isso, é preciso estabelecer tempos para análise, discussão e desenvolvimento de cada ponto, com uma periodicidade fixa e atribuições estabelecidas dentro da equipe de modo que seja incorporada nas atividades e responsabilidades cotidianas da organização.



REFERÊNCIAS

Trazemos abaixo a referência dos materiais que serviram de suporte para esta sistematização e cuja leitura indicamos a quem quiser se aprofundar nos pontos que abordamos aqui.

Manual de segurança: medidas práticas para defensores de direitos humanos em risco (Front Line Defenders 2011). Disponível [aqui](#).

Guia de proteção para defensores e defensoras de direitos humanos (Justica Global, 2016). Disponível [aqui](#).

Guia de proteção para defensores e defensoras de direitos humanos (Justica Global, 2021). Disponível [aqui](#).

Guia de proteção e segurança para comunicadores e defensores de direitos humanos (Artigo 19). Disponível [aqui](#).

Segurança olística: um manual de estratégias para defensores de direitos humanos (Tactical Technology, 2016) Disponível [aqui](#).